

## **Resenhas**

**Scripta – Revista do programa de pós-graduação em Letras do Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiros da Puc-Minas. Número especial: Seminário Internacional Guimarães Rosa. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2º sem. 1998. 272p.**

Beth Brait\*

Diferentemente do gesto de leitura integral que se consagra a uma obra teórica ou de ficção, a coletânea de textos, em forma de livro ou de periódico científico, provoca um outro procedimento: primeiro folheia-se, verificando o conjunto dos artigos, depois espia-se o índice para localizar com maior precisão os trabalhos que possam interessar mais de perto e, em seguida, passa-se à leitura que, preguiçosa ou ansiosa, escorrerá por um tempo variável, ditado por diversos interesses e desinteresses. Diante do número especial da revista *Scripta*, que resulta, como esclarece Lélia Parreira Duarte na “Apresentação”, do *Seminário Internacional Guimarães Rosa*, realizado em 1998 e do qual participaram, com apresentação de trabalho, “mais de 260 pesquisadores/leitores/tradutores/amantes da criação rosiana, de dez diferentes países”, o leitor vê subvertida a relação leitura/livro/coletânea.

Depois dos procedimentos de praxe diante da coletânea, os trabalhos reunidos - vinte e sete ensaios e dois depoimentos – capturam o leitor de forma a impedi-lo de fazer escolhas ou interrupções. A grandeza da obra de Guimarães Rosa associada a comentadores afilados, afinados com diferentes teorias, atentos aos diferentes fios e às

---

\* LAEL/PUC-SP/USP/CNPq.

diferentes suturas que vão tecendo o conjunto da produção, encontra, no final destes anos noventa, um lugar em que multifacetadas instâncias vão sendo reveladas pela busca, apaixonada e sistemática, de sentidos, significações e efeitos de sentido. A afirmação de Antonio Candido de que *na extraordinária obra-prima Grande sertão: veredas, há de tudo para quem souber ler, é nela tudo forte, belo, impecavelmente realizado [...] Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício* aparece concretizada e ampliada para um grande número de textos, neste número da *Scripta*.

E o que move essa leitura conjunta em vários sentidos? Em primeiro lugar, os dois depoimentos iniciais. O primeiro, de José Mindlin, tem o sabor do contato com o escritor, personagem revisitado e entrevistado, que deixa, além do prazer das observações, a vontade de ver os postais mencionados mas não mostrados na revista. Uma das ausências notadas. O segundo, do escritor Mia Couto que, além da saborosa escrita, registra seu diálogo com Rosa, entre outras vias, por meio de outro grande escritor que é Luandino Vieira. Em seguida os ensaios que, sem estarem agrupados tematicamente, dialogam entre si numa rede de citações formadora de uma das teias a amarrar o conjunto.

Com o olho e os ouvidos que a psicanálise pode oferecer à leitura dos textos literários, incluindo aí a polêmica provocada por esse tipo de abordagem, três leitoras autorizadas – Adélia Bezerra de Menezes, Cleusa Rios Pinheiros Passos e Leyla Perrone-Moisés – auscultam, respectivamente, “O homem do Pinguelo”, narrativa que se encontra em *Estas estórias*, “A benfazeja” e “Sinhá Secada”, duas “narrativas exemplares dos afetos maternos”, presentes em *Primeiras estórias* e *Tutaméia*, e “Lá, nas Campinas”, também texto de *Tutaméia* que, juntamente com “Nenhum, nenhuma” e *Grande sertão: veredas*, permite abordar a questão dos “tipos de saudade” existentes na obra rosiana.

As questões voltadas para a tradução, essa tarefa hercúlea quando se trata de tentar preservar as riquezas do texto e da visão de

mundo de Rosa em uma outra língua (ou seria preservar a língua rosiana em qualquer língua?), também merecem a atenção e a acurada análise de pesquisadores que lidam não apenas com a obra do autor, mas com cartas, depoimentos, entrevistas e, em alguns casos, com o próprio fazer-passagem. Esse é o caso dos excelentes trabalhos de Ângela Vaz Leão, Curt Meyer-Clason, Eduardo Coutinho e Elza Miné.

Textos específicos sobre *Grande sertão: veredas* abordam aspectos estéticos, poéticos, míticos, místicos e religiosos, amorosos, filosóficos, metafísicos, históricos e geográficos em várias e contrastantes perspectivas, e, como não podia deixar de ser, elementos constitutivamente ligados a questões da identidade (identidades?), tanto do sujeito/sujeitos/outros suscitados por personagens, quanto da face Brasil/Brasis que a obra conforma de maneira nem sempre explícita (ou quase nunca), mas que o olhar de leitores há muito dedicados à obra de Rosa, e que por isso são especialistas, e outros confessadamente bons leitores, mas não especialistas, surpreende. Aqui podem ser incluídos trabalhos de Benedito Nunes, Ettore Finazzi-Agrò, Flávio Wolf de Aguiar, Francis Utéza, Heloisa Maria Murgel Starling, Kathrin H. Rosenfeld, Lígia Chiappini, Márcia Marques de Moraes, Marco Aurélio Baggio e Willi Bolle, este último, fechando a coletânea com um dos melhores (entre os melhores) ensaios.

Se os ensaístas que participam da coletânea estão profundamente familiarizados com a obra do autor, com seus comentadores e com o material de arquivo, preservado especialmente pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, fazendo esse conjunto dialogar com conhecimentos lingüísticos, retóricos, estilísticos, estéticos e históricos num amplo e sempre acurado sentido, os trabalhos de Cecília de Lara, Edna Maria F. S. Nascimento e Maria Célia de Moraes Leonel observam muito de perto a constituição do arquivo, escavando arqueologicamente as relações entre os diversos materiais aí existentes e as técnicas de criação do autor.

Há um outro possível conjunto em que se pode apreender diferentes formas de diálogo entre a obra de João Guimarães Rosa e a de

vários escritores de língua portuguesa como é o caso dos trabalhos de Rui Mourão, Maria Aparecida Santilli, Maria de Santa Cruz, ou ainda a reflexão *sui generis* do poeta E. M. de Melo e Castro a respeito “da natureza fractal da nossa língua” (a portuguesa falada em vários países e suas variantes).

E para finalizar esse comentário sobre os pertinentes comentários reunidos na revista, devem ser mencionados dois ensaios de refinada erudição e acabamento impecável que são os de José Miguel Wisnik e Heloísa Vilhena de Araújo, intitulados respectivamente “Recado de viagem” e “Amicus plato magis amica veritas”. Num, a análise circunstanciada da narrativa “O recado do morro” que “cifra múltiplos níveis de leitura, que envolvem de maneira inseparável o significante, a mimese social, a cosmologia alquímica, a cultura popular e o enigma”, como demonstra o autor; noutro um estudo sobre a forma como Guimarães Rosa “recebeu, criticou o transformou o pensamento de Platão, conforme alusões ao filósofo encontradas no primeiro prefácio e nos contos de *Tutaméia*”.

Terminada a leitura da revista, descobre-se duas coisas mais: que a maioria dos textos passará a funcionar como fonte de referência e que a volta aos textos do autor é a provocação mais importante do conjunto.